

Passeio de gerações | Hoje Macau

<http://hojemacau.com.mo/?p=5672>

January 2, 2011

Macaenses da diáspora | Macau é pouco conhecido como espaço de encontro de culturas

No quarto dia do IV Encontro das Comunidades Macaenses, enquanto o Conselho reunia, os restantes participantes visitaram Macau num convívio que não se limita ao cruzamento de culturas.

Muitos flashes e centenas de sorrisos escadaria monumental acima.

As Ruínas de São

Paulo são o ponto de encontro entre os membros do Conselho Geral das Comunidades Macaenses e os restantes participantes do **Encontro das Comunidades Macaenses**, numa sessão fotográfica que marca a passagem do evento que trouxe mais de 1.500 macaenses da diáspora à RAEM.

Natália e James Mason, mãe e filho, vieram directamente de Londres para o Encontro. “A minha mãe nasceu aqui, viemos celebrar a cultura dela, visitar a família e perceber o estado das coisas”, diz o fotógrafo de 33 anos. O jovem, que já visitou Macau mais vezes no passado, diz que as mudanças que o território tem sofrido são “impressionantes mas talvez estejam a fazer com que o território esteja a perder um pouco a sua identidade”. Mas Natália interrompe, optimista: “Isto está muito diferente, era muito mais tranquilo, mas a mudança é necessária. É preciso evoluir e eu sinto-me em casa na mesma”.

Mãe e filho são dois dos quatro participantes a chegados de Inglaterra para o evento organizado pelo Conselho das Comunidades Macaenses. “Estou fora de Macau há mais quarenta anos e o Encontro é sempre um bom pretexto para matar saudades, visitar a família e reencontrar amigos” explica, num português já bastante arranhado. E acrescenta que até aproveitou para celebrar aqui os “51 anos de casada”. União que a levou a emigrar para a Europa nos anos 60 com o marido inglês que conheceu em Hong Kong.

José Manuel Rodrigues não esconde o contentamento. “Está a correr tudo muito bem e



julgo que vai ser o maior e o melhor de sempre”.

Encontro de sucesso

Apesar de James Mason não se sentir macaense, o filho de Natália confessa que se identifica com a cultura da família materna. “É muito focada na união familiar, no convívio e na gastronomia – que é absolutamente fantástica”, diz. Perguntamos se já conheceu outros jovens no Encontro, mas o fotógrafo torce o nariz e diz que “é uma pena que muitos não se interessem em participar”. O que não quer dizer que não se divirta na mesma. “Foi muito giro o jantar (inaugural) no Venetian, até dançámos”, conta. E Natália de novo acrescenta: “Comigo e com a avó!”

José Manuel Rodrigues, presidente do Conselho das Comunidades Macaenses, não esconde o contentamento. “Está a correr tudo muito bem e julgo que até ao final, dia 5, irá cumprir-se aquilo que eu disse no início do Encontro: vai ser o maior e o melhor de sempre”, comentou Rodrigues no final da sessão fotográfica que contou com a presença do Chefe do Executivo da RAEM, Fernando Chui Sai On.

Uns degraus acima, Alberto Noronha conversa muito animado. Ele é um dos 134 participantes oriundos da Austrália e, tal como Natália Mason, fez questão de se fazer acompanhar pela esposa e pelo filho ao Encontro. “Este é o terceiro em que participo e é sempre excelente. Venho para encontrar amigos, ver pessoas que não via há imenso tempo como colegas de turma que não via há mais de 30 anos”, conta o neto de um dos fundadores da Casa de Macau australiana, que hoje conta com cerca de 780 membros.

Confronto com a mudança

É a terceira vez que Alberto traz a família à terra onde nasceu. “Eu gosto de vir e aprecio a cultura macaense, sobretudo a comida!”, diz Emile Rui Noronha. O jovem de 20 anos confessa que também gostou particularmente do passeio matinal pela cidade, organizado pelo Encontro.

“Macau mudou muito desde a última vez que cá vim, em 2004. É quase um sítio completamente diferente, há imensos casino e tantos edifícios que foram deitados abaixo e reconstruídos”, diz. “Costumamos fazer intervalos de três anos entre as visitas por isso o choque é maior”, explica o pai.

Alberto mudou-se para Maitland, no Estado australiano de New South Wales, há 34 anos. “Macau está muito diferente do que aquele que recorro da minha infância e não posso dizer que todas as diferenças sejam positivas”, desabafa e aponta para as Ruínas: “Pelo menos estão a tentar preservar o património histórico.” “São um símbolo da nossa comunidade, um símbolo da fusão entre o Ocidente e Oriente”, comenta sobre aquele que é um dos monumentos do centro histórico de Macau, inscrito na Lista do Património Mundial da Humanidade da UNESCO.

“As pessoas não têm noção de que Macau só se tornou uma comunidade quando os portugueses vieram para cá e começaram a misturar-se com os cristãos japoneses” continua, e acrescenta que “só depois da Segunda Guerra Mundial é que os chineses se



envolveram, mas olham para os estrangeiros de forma diferente”. Estrangeiro como se sente o filho, Emile. Perguntamos-lhe qual a visão que o povo australiano tem de Macau. “Não conhecem, sabem que é o sítio onde o Sr. Packer construiu um casino”, diz. E o pai acrescenta: “Para a maior parte das pessoas isto é um centro de jogo, nem se apercebem da gigante troca cultural que existe aqui.”

História e património que o Conselho das Comunidades, as Casas de Macau e o todas as restante associações pretendem manter vivos por muito tempo. O Conselho Geral do instituto que promove o Encontro aproveitou a manhã de ontem para reunir. Das quatro horas de debate saíram as decisões de criar um núcleo de jovens macaenses de Macau e da diáspora, e a eleição dos três primeiros membros honorários do Conselho: o primeiro chefe do executivo da Região Administrativa Especial de Macau, Edmund Ho, o último governador português do território, general Rocha Vieira e, a título póstumo, o escritor Henrique Senna Fernandes.

[FOTOS: GONÇALO LOBO PINHEIRO]

